

## ÍNDICE

CAPITULO I — BIOGRAFIA . . . . .	7
CAPITULO II — OS ESTILOS CAMONIANOS	26
O estilo palaciano . . . . .	26
O estilo engenhoso . . . . .	28
O estilo clássico . . . . .	38
Natureza contraditória da poesia de Camões .	45
CAPITULO III — A LÍRICA	48
Camões e Petrarca . . . . .	48
O ideal de Vénus . . . . .	56
O acontecimento . . . . .	69
O desconcerto do mundo	80
CAPITULO IV — A EPOPEIA	115
Génese de «Os Lusíadas» . . . . .	115
Os temas humanísticos . . . . .	121
A contradição central de «Os Lusíadas» . . . . .	143
A estrutura de «Os Lusíadas»: o mundo his- tórico . . . . .	147
A estrutura de «Os Lusíadas»: o mundo mito- lógico . . . . .	156
O significado da mitologia em «Os Lusíadas»	157
ANTOLOGIA	164

TRECHOS DE OS LUSIADAS: Proposição e invocação das Tágides . . . . .	164
Concílio dos deuses . . . . .	165
Vénus intercede pelos Portugueses . . . . .	172
Batalha do Salado . . . . .	178
Inês de Castro . . . . .	182
Embarque do Gama para a Índia . . . . .	187
Casos do mar . . . . .	192
O Gigante Adamastor . . . . .	195
Baco fala aos deuses marítimos . . . . .	202
Exortação aos cristãos . . . . .	205
A ilha de Vénus . . . . .	208
Epílogo . . . . .	214

LIRICAS 218

REDONDILHAS — <i>Endechas a Bárbara escrava</i> . . . . .	218
Coifa de Beirame . . . . .	219
De que me serve fugir . . . . .	221
<i>Vilancete pastoril</i> . . . . .	222
Foi-se gastando a esperança . . . . .	223
Há um bem que chega e foge . . . . .	225
Na fonte está Leonor . . . . .	225
<i>Ao desconcerto do mundo</i> . . . . .	226
Pastora da serra . . . . .	226
Pequenos contentamentos . . . . .	228
Perdigão perdeu a pena . . . . .	228
<i>A uma que lhe jurava pelos seus olhos</i> . . . . .	229
Quem ora soubesse . . . . .	229
Saudade minha . . . . .	230
Se Helena apartar . . . . .	231
Venceu-me Amor, não o nego . . . . .	232
Verdes são os campos . . . . .	232
Vi chorar uns claros olhos . . . . .	233
Viva da minh'alma . . . . .	234

SONETOS— A formosura desta fresca serra	235
Ah! Minha Dinamene! Assim deixaste	235
Alegres campos, verdes arvoredos . . .	236
Alma minha gentil, que te partiste . . .	236
Amor, co'a esperança já perdida . . .	237
Amor é um fogo que arde sem se ver . . .	237
Aquela triste e leda madrugada . . .	238
Doces lembranças da passada glória . . .	238
Em prisões baixas fui um tempo atado	239
Enquanto quis Fortuna que tivesse . . .	239
Erros meus, má Fortuna, Amor ardente	240
Eu cantei já, e agora vou chorando . . .	240
Julga-me a gente toda por perdido . . .	241
No tempo que de Amor viver roía . . .	241
O dia em que eu nasci moura e pereça . . .	242
Oh! Como se me alonga de ano em ano	242
Pede-me o desejo, Dama, que vos veja . . .	243
Quando a suprema dor muito me aperta	243
Quando de minhas mágoas a comprida	244
Quando o Sol encoberto vai mostrando . . .	244
Sempre a Razão vencida foi de Amor . . .	245
Sentindo-se tomada a bela esposa . . .	245
Sete anos de pastor Jacob servia . . .	246
Transforma-se o amador na cousa amada	246
Vós que de olhos suaves e serenos . . .	247
Um mover de olhos, brando e piedoso . . .	247

COMPOSIÇÕES MAIORES 248

Babel e Sião . . . . .	248
<i>Canção</i> : Vinde cá, meu tão certo secretário	259
<i>Ode</i> : Pode um desejo imenso . . . . .	266